

Regras eficientes protegem o País

O Brasil dispõe de ferramentas avançadas de controle da gestão empresarial

Na década passada, os resultados alcançados no mercado financeiro apresentaram grande crescimento e vários motivos levaram a sucessivas distorções nos controles e gestão empresarial, para fazer frente à distorcida valorização das empresas ditas da Nova Economia. Analistas e investidores/gestores de carteiras apoiaram suas análises em fatores não tradicionais de avaliação de investimento.

Os objetivos e formas de remuneração tiveram de apresentar resultados coerentes com os critérios vigentes da ocasião. Com as mudanças ocorridas no mercado, os órgãos controladores e empresas de auditoria não se adequaram a regras e controles que pudessem minimizar esses potenciais riscos.

Tão logo a crise financeira se instaurou, viu-se uma acomodação de critérios de valorização empresarial e uma decorrente redução dos preços de mercado dessas empresas.

Esperava-se também que os blocos europeu e asiático pudessem assumir uma liderança financeira, o que atenuaria a fase de contração da economia norteamericana. Porém, os problemas de implantação da nova moeda do continente europeu, eleições e as reações tardias das empresas e da economia dos blocos externaram a fragilidade das forças econômicas mundiais.

Com as fraudes empresariais vindo à tona, ocorre um fenômeno, por vezes, mais preocupante do que as perdas registradas pelos investidores. É elevado o teor de desconforto da sociedade como um todo, decorrente da perda de credibilidade, algo muito mais custoso de resgatar a médio e longo prazos. A falta de confiança nas autoridades e uma forte tendência de mudança no comportamento dos investidores em relação ao mercado são impactantes para toda a economia. É uma crise de confiança e a saída vai na direção de menor risco ao capital.

No Brasil, pelos motivos políticos e financeiros de nossa história, a gestão pública e os órgãos controladores, como o **Banco Central** e a **CVM**, pegaram a via da transparência para fazer frente a problemas com intervenções em instituições financeiras, como **Banco Nacional** e **Bamerindus**. Para demonstrar e exigir lisura e seriedade — a melhor moeda de qualquer mercado —, foram criados mecanismos de controle e critérios de auditoria, ações que minimizassem riscos e problemas de fraudes. Por aqui, o método de controle está dando certo.

No âmbito global, estão sen-

do tomadas novas medidas que restabeleçam a credibilidade perdida no mercado. Esse mecanismo passa por regras mais apuradas dos órgãos controladores, por novos critérios e independência das empresas de auditoria e do sistema de medição e remuneração dos executivos, além de todo o processo de contratação e controle dos resultados.

É muito confortável e paradoxal ver que o Brasil já trilhou esse caminho há muito tempo. Os órgãos financeiros e controladores de critérios locais têm-se mostrado muito mais avançados em relação a assuntos que poderiam afetar os riscos e comportamento dos investidores locais e internacionais. Se o mercado busca investimentos e negócios que apresentem baixo risco, podemos ter essa preferência, principalmente considerando que a quantidade de grandes corporações instaladas no País é um fato e nosso potencial como mercado consumidor nos coloca como uma perspectiva importante da gestão corporativa implementada e em curso.

A crise de confiança desencadeou uma busca por investimentos de menor risco

térios locais têm-se mostrado muito mais avançados em relação a assuntos que poderiam afetar os riscos e comportamento dos investidores locais e internacionais. Se o mercado busca investimentos e negócios que apresentem baixo risco, podemos ter essa preferência, principalmente considerando que a quantidade de grandes corporações instaladas no País é um fato e nosso potencial como mercado consumidor nos coloca como uma perspectiva importante da gestão corporativa implementada e em curso.

* Sócio-diretor da Controlbanc Consultoria.